

Jean Delumeau: historiador do passado e do presente cristão

Geraldo Pieroni

Jean Delumeau nasceu no dia 18 de junho de 1923 na cidade de Nantes. Estudou na prestigiosa École Normale Supérieure onde obteve sua promoção, em 1943. Atuou como *agrégé* de História na École Polytechnique, na Universidade de Rennes II, na École Pratique des Hautes Études e na Université de Paris I. Ensinou no Collège de France, onde ocupou, em 1975, a cadeira de História das Mentalidades Religiosas no Ocidente Moderno e, desde 1988, é membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres.

Seu título de acadêmico lhe foi conferido por Philippe Wolff no dia 27 de setembro de 1989. No decorrer da cerimônia, as alocações foram pronunciadas por Nicole Lemaître, Alain Cabantous, Michel Mollat du Jourdin, e Philippe Wolff. Neste dia, o próprio Jean Delumeau, no seu discurso, demonstrou a sua erudita e peculiar sensibilidade ao recordar sua atração pela História desde sua tenra infância¹. A trajetória intelectual de Delumeau é caracterizada pela sobriedade de estilo. Sua postura literária Seu estilo de escrita é límpido, agradável aos historiadores e aos leitores não especialistas.

Não tenho a intenção de tecer uma análise cronológica completa das obras de Delumeau. Optei por um ensaio temático bem particular. Religião, religiosidade, pecado, culpabilidade e medo, paraíso e fé... São algumas das palavras-chave que sintetizam minha leitura sobre este grande historiador do passado cristão.

Na obra *De Religiões e de Homens*, Jean Delumeau se debruça sobre os ritos, imagens e representações do cristianismo. Sua proposta é sublinhar que, há milênios, a humanidade sepulta seus mortos, perscruta os astros, ergue monumentos para desafiar o tempo e celebrar a fecundidade. A humanidade, constituída por seres religiosos, projeta para além de si mesma, as suas expectativas e experiências. Na trajetória dos séculos, mergulhadas na multiplicidade de lugares e culturas, as religiões foram se diversificando. Moisés, Jesus, Maomé, Buda e outros, fundaram e construíram cada um

¹ Hommage à Jean Delumeau à l'occasion de son élection à l'Académie des inscriptions et Belles-Lettres, 1990.

segundo o seu olhar, tradições fecundas e diversas que resistem até hoje. As religiões, segundo a especificidade de suas formas, seguem a história da humanidade, inspirando até mesmo expressões contemporâneas da literatura, da arquitetura, da música e da pintura. *De Religiões e de Homens* abre vieses para a compreensão da importância da memória religiosa da humanidade. A cultura e a laicidade do mundo hodierno se dilatam às dimensões religiosas. Este livro, genuína lição de cultura, representa uma autêntica epístola favorável ao diálogo e à tolerância (DELUMEAU, 2000).

A abertura ao outro, o diferente de si, é uma das marcas características de Delumeau. Sua escrita não é apologética, mas respeitosa e complacente. Ele conhece profundamente as trajetórias dos saberes, suas transformações caracterizadas pelas rupturas e continuidades. É um protagonista da crise cultural européia. Jean Delumeau percebeu os impactos da pós-modernidade, perspectiva cultural da sociedade pós-industrial que norteia a produção cultural, a partir do século XX. As culturas pós-modernas evidenciam as condutas caracterizadas pelas multiplicidades, as fragmentações, as desreferencializações, que, com a aceitação de todos os estilos e estéticas, pretende a inclusão de todas as culturas como mercados consumidores.

A Europa, outrora construída sob a égide do cristianismo, perdeu a sua referência cristã, naquilo que o filósofo francês André Glucksman escreveu no seu livro, “A terceira morte de Deus” (GLUCKSMAN, 2000). Glucksman aborda a origem da violência, afirmando que a primeira morte de Deus, foi na cruz; a segunda nos livros (Marx e Nietzsche) e a terceira “no meio da lama do século corrente”. Neste livro ele declara que “Deus está morrendo (...) na Europa, inclusive, já morreu. (...) E nos perguntamos: por que a Europa? Por que só a Europa? É a única, no espaço planetário e na história da humanidade, que gera uma civilização sem Deus?”(GLUCKSMAN, 2007)².

Observando estas mudanças paulatinas da influência do cristianismo no comportamento da cultura européia, preocupado com a crise cultural das sociedades, Delumeau se projeta na *espera da aurora: um cristianismo para o amanhã* (DELUMEAU, 2007). Focando as críticas crescentes contra o cristianismo em geral e, de maneira particular, contra o catolicismo, e enfrentando-as sem polemizar, este livro

2 No Brasil André Glucksman ficou mais conhecido nos meios acadêmicos, nos anos 70, ao publicar um livro intitulado *A cozinheira e o canibal* (sobre os campos de concentração na Rússia). *O discurso do ódio* (Declaração corrente e contestadora: “Tenho ódio”. Inútil precisar do que e de quem; eu odeio, logo existo). Ver: GLUCKSMAN, André. *A cozinheira e o canibal*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

oferece a permanente atualidade do mistério cristão e a absoluta necessidade de torná-lo crível e atuante na sociedade secularizada de hoje. Refletindo sobre o mistério celestial, Delumeau lança a pergunta: o que sobrou do Paraíso? (*Que reste-t-il du paradis?*). (DELUMEAU, 2003). Este extraordinário estudo histórico realizado por ele é a continuação dos textos precedentes, *O jardim das delícias* e *Mil anos de felicidades*, seus primeiros volumes.

O autor mergulha num dos maiores imaginários que o inconsciente coletivo do homem ocidental já idealizou: a crença no paraíso e a vida pós-morte. Nesta obra, a Jerusalém celeste é concebida historicamente. Uma verdadeira anatomia cultural edificada no tempo por santos, teólogos, escritores, pintores, músicos que tentaram materializar a luminosidade e a beleza do éden, transportando-a para a terra por meio das suaves pinturas e expressivos retábulos, dos vitrais translúcidos e coloridos, dos harmoniosos hinos e cândidos poemas, das inebriantes cerimônias litúrgicas. O paraíso é descrito nas escrituras sagradas e ganha novos contornos e expressões através da arte, particularmente da expressão barroca.

Para Delumeau, o paraíso não é objeto de estudo somente para os religiosos e místicos, ele demonstra que, com a secularização da sociedade, o céu se torna objeto de ciência e se separa do paraíso o qual permanece como plano da eternidade, a representação de uma promessa de gozo espiritual e felicidade eterna. Somente no paraíso o homem poderia encontrar a felicidade?

O que é a felicidade? Tema complexo e multidisciplinar. A felicidade pode ser um objeto; um lugar; uma pessoa; um acontecimento; um estado emocional... Há milhares de anos o homem se indaga acerca da felicidade. Campo de estudos pertencente à filosofia antiga até a psicologia pós-moderna. *A Mais Bela História da Felicidade* (DELUMEAU, 2006), magnífica obra sob a coordenação de Delumeau, escrita por três importantes pensadores, enfoca as transformações do conceito de felicidade no decorrer dos séculos. André Comte-Sponville, Jean Delumeau e Arlette Farge, com profunda sensibilidade, revelam como essa história movimentada se construiu no decorrer dos séculos. Do ponto de vista filosófico, Comte-Sponville esclarece que a felicidade não começa com a filosofia. Muito antes que os filósofos refletissem sobre o tema, já existiam pessoas felizes e infelizes. O pensamento filosófico elabora uma possibilidade, uma maneira de pensar sobre ela e descobri-la.

Nesta obra, Delumeau tem a tarefa de esmiuçar o paraíso enquanto ideia de que a felicidade poderia se hospedar num lugar longínquo situado no “reino dos céus”. A grande problemática do autor, neste estudo, é: se o paraíso é o único local onde a felicidade pode ser verdadeiramente deleitada, então fica a pergunta: o que estamos nós fazendo nesta terra. O que nos resta fazer?

Finalmente, Arlette Farge realça as contradições que a modernidade impõe aos homens e mulheres: com o nascimento do Iluminismo, a felicidade além de pertencer à esfera celeste, desce das alturas para, de novo, habitar a Terra e trabalhar as consciências humanas. Pensamento este explicitado em um outro livro de Delumeau, *As razões de minha fé*, em que o historiador revela sua posição acerca de temáticas como o ecumenismo, a Teologia da Libertação, a contracepção, o aborto. Suas ideias são claras, apontando os matizes impostos pela complexidade destes problemas e pelo respeito devido às demais opiniões citadas (DELUMEAU, 1999).

Continuamente em seus escritos, Delumeau convida o leitor a refletir sobre a fé e o testemunho daquele que crê. Após algumas manifestações artísticas a respeito da paixão de Cristo, ele, em parceria com Gérard Billon, escreveu o livro “Jesus e a sua paixão” (DELUMEAU, 2004). Há mais de vinte séculos, constata Jean Delumeau, a paixão de Jesus continua a fascinar um significativo contingente populacional. O sofrimento de Cristo alimenta a fé dos fiéis, interroga os historiadores, inspira os artistas, tais como, Fra Angelico ou Jean-Sébastien Bach. É representada nas telas dos cinemas através dos filmes de Pasolini, de Zeffirelli ou, mais recentemente, de Mel Gibson. Comentando o filme de Gibson: “A paixão de Cristo”, Delumeau escreveu no *Jornal*, de tendência católica, *La Croix*, um artigo intitulado “Mel Gibson: um herdeiro da tradição dolorista?”.

Para Delumeau, o público em geral guardará do filme apenas as imagens sangrentas e de violência formal. Conforme seu discurso: “No Oriente, os cristãos representam muito pouco a paixão de Cristo. Eles preferem a Ressurreição, a qual está no bojo da mensagem cristã”³ (DELUMEAU, 2004, p.28-29).

³ “La Croix” editado na França, país no qual a polêmica foi fortemente abordada. Neste jornal, às páginas 28 e 29 do dia 31 de março de 2004 traz o artigo de Delumeau: “Mel Gibson est-il l'héritier de la tradition doloriste?”.

O que realmente se passou durante os últimos e intensos dias que antecederam a morte de Cristo? O que dizem realmente os evangelistas? Quem é, de fato, responsável pela condenação do Messias? Pode-se dizer que os textos dos Evangelhos nutrem o anti-semitismo? A paixão comporta de fato uma cruel e contínua violência que alguns insistem em colocar em primeiro plano?

Com o apurado talento de Jean Delumeau e a competência do biblista Gérard Billon, estas e outras questões são analisadas. Delumeau, como lhe é sempre característico, expressa neste livro a destreza do historiador e a convicção do homem de fé, o qual convida o leitor a reencontrar, transversalmente e muito além das imagens, a fisionomia positiva do cristianismo. Os autores se interrogam sobre o paradigma proposto pela paixão. Não tem sido demasiadamente favorecido um cristianismo dolorista, através das representações do suplício da cruz, em detrimento da alegria da Ressurreição? Pergunta polida e retórica.

Além da vida de Cristo, Delumeau focou o seu olhar biográfico em um famoso e original intelectual italiano e escreveu *O mistério Campanella* (DELUMEAU, 2008) cujo livro percorre os enigmas da vida deste clérigo do século XVI.

No entanto, de todas as obras de Delumeau, talvez a mais lida no Brasil e no mundo inteiro seja o livro *O pecado e o medo*. O próprio autor afirma sua decisão de escrever sobre o tema que para ele está inserido

Num contexto de uma vasta pesquisa histórica sobre os medos de outrora no Ocidente. Pois, dentre esses medos, como poderia esquecer um dos mais importantes, sobretudo nos séculos passados? Estou me referindo ao medo de alguém julgar a si mesmo como um pecador. O jesuíta francês Bourdaloue escrevera no século XVII: “Não é de forma alguma um paradoxo, mas uma verdade certa, que não temos maior inimigo a temer do que nós mesmos. Como isso é possível?... Eu sou mais... temível para mim do que todo o resto do mundo, já que só cabe a mim aniquilar a minha alma e excluí-la do reino de Deus”. Essa afirmação refletia antigamente a opinião geral dos diretores espirituais da cristandade (BOURDALOUE, 2004).

O pecado e o medo esclarece o funcionamento e a difusão de um discurso culpabilizador no Ocidente cristão. O autor vê no tema o ponto nevrálgico a partir do qual seria possível devassar os mistérios da sensibilidade coletiva. Toca, em seguida, à

questão do pecado, entendido como elemento essencial na constituição do sentimento de medo (DELUMEAU, 2003).

Com esta e outras obras, Jean Delumeau tornou-se bastante conhecido no Brasil onde muitos de seus livros foram traduzidos e publicados. Ele ministrou aulas na Universidade de São Paulo na década dos anos 1970 e, nessa ocasião, trabalhava proficuamente em sua obra, *La Peur en Occident*, (DELUMEAU, 1999) o primeiro de seus livros sobre o medo como objeto de investigação histórica no qual o autor problematiza a idéia de que não apenas os indivíduos mas também as coletividades estão engajadas num diálogo permanente com a menos heróica das paixões humanas: o medo. Revelando-nos os pesadelos mais íntimos da civilização ocidental do século XIV ao XVIII – o mar, os mortos, as trevas, a peste, a fome, a bruxaria, o Apocalipse, Satã e seus agentes –, o historiador francês realiza uma obra sem precedentes na historiografia do Ocidente. Perguntado se o medo pode ser classificado como um sentimento coletivo, sua resposta é esclarecedora:

Durante 28 anos fiz uma história dos sentimentos coletivos. Eu comecei pelo tema do medo, depois trabalhei a questão do pecado e o sentimento de segurança. E, por fim, fiz uma história do paraíso, dividida em três volumes. As obras são todas dependentes umas das outras. Eu diria até que constituem uma espécie de série, que vai do medo ao sentimento de segurança, e do sentimento de segurança à esperança da felicidade. Todos os homens têm medo. Fundamentalmente, o principal medo é o da morte. E a morte não vai desaparecer. É um mistério, mas é normal que os homens tenham medo. Ao mesmo tempo, todos nós precisamos nos sentir seguros, precisamos de meios de nos proteger. Há duas coisas que são verdadeiras ao mesmo tempo para todos os homens: o perigo do qual surge o nosso medo e a necessidade de nos proteger desse perigo. A vida humana é construída entre o medo e a segurança (DELUMEAU, 2004).

De um lado, o ser humano deseja a felicidade, mas por outro lado, eu não acredito que existirá jamais um paraíso sobre a terra. Penso também que nunca existiu um paraíso terrestre. É uma nostalgia, é um sonho. Em compensação, todos nós temos a necessidade e o desejo de que a vida na terra seja a mais agradável possível. Certamente, a condição da vida humana na terra já melhorou. Ao mesmo tempo, é bom

sempre sabermos que a felicidade completa não existirá nunca. E se há uma felicidade de um lado, não haverá em outros aspectos, é certo (DELUMEAU, 2004).

Delumeau, como vimos em várias de suas obras, refletiu sobre a felicidade, a esperança, o paraíso e, para ele, “a esperança está sempre ligada ao futuro. Mas, sem dúvida, o sentimento de esperança já existe porque se imagina o futuro no presente. Nós nos utilizamos de elementos do presente para construir a esperança, porque não é um sonho” (DELUMEAU, 2004).

Delumeau considera a esperança sob dois aspectos. O primeiro está relacionado com a construção do paraíso terrestre e o retorno da condição do paraíso sobre a terra. Sobre esta forma de esperança ele aprofundou no seu livro *Mil anos de Felicidade: uma história do paraíso*. O outro aspecto diz respeito à esperança de felicidade remontada ao Livro do Apocalipse, da Bíblia. Segundo o autor, o problema é que essa esperança foi se laicizando a ponto de se tornar uma esperança terrena, que surge por meio do progresso técnico e material: “Trocamos o que era milenar por uma ideologia do progresso” e afirma que o progresso material não traz forçosamente a felicidade, não traz obrigatoriamente a felicidade.

Os tempos atuais são caracterizados por uma desilusão profunda. “Essa é a característica de nossa época, a desilusão”. O homem pós-moderno perdeu a esperança de uma melhora da condição humana na terra. Apostou em um futuro radiante da humanidade pelo progresso tecnológico e, conseqüentemente, a felicidade não foi alcançada. O problema do homem de hoje é que ele não tem mais esperança. Delumeau salienta que a humanidade é pessimista e ele deseja ardentemente que tal situação seja reversível. Ao mesmo tempo, está morrendo a esperança religiosa. A laicização é um fenômeno mundial que, todavia, se manifesta mais intensamente no Ocidente visto que os países muçulmanos continuam muito religiosos.

Especificamente relacionado ao Brasil, o historiador salienta que nosso país passa, também, por um processo de laicização, mas a religião aqui ainda é mais forte do que na Europa, a qual vive em um tempo de agnosticismo. Será que a civilização européia vai continuar com esse agnosticismo? Pergunta Delumeau. Com modéstia, simplesmente responde: “Não posso saber, ninguém pode saber. Eu sou apenas um historiador (DELUMEAU, 2004). Para nós leitores brasileiros, Delumeau deixa uma mensagem particular:

Desde que vim ao Brasil, em 1977, o país mudou muito. A segunda vez em que estive aqui foi em 1997. Para mim, é sempre um prazer poder vir ao Brasil e eu poderia destacar três elementos que chamam a minha atenção neste país. Primeiro: a cordialidade das pessoas me toca. A beleza da natureza é extraordinária e também a beleza da arte brasileira. O barroco é fascinante, realmente nunca vi nada igual. Inclusive, no livro *O que sobrou do paraíso*, falo do barroco como uma espécie de paraíso. E destaco ainda o dinamismo do povo brasileiro e a esperança por um futuro melhor. Talvez a Europa tenha que reaprender com o Brasil o que é a esperança (DELUMEAU, 2004).

Principais obras de Jean Delumeau:

- 1957-1959 *Vie économique et sociale de Rome dans la seconde moitié du XVI^e siècle*
- 1962 *L'Alun de Rome, XVe-XVIIIe siècles*
- 1965 *Naissance et affirmation de la Réforme*
- 1966 *Le mouvement du port de Saint-Malo, 1681-1720*
- 1967 *La civilisation de la Renaissance*
- 1969 *Histoire de la Bretagne*
- 1971 *Le Catholicisme entre Luther et Voltaire*
- 1974 *L'Italie de Botticelli à Bonaparte*
- 1975 *Rome au XVI^e siècle*
- 1976 *La mort des pays de Cocagne. Comportements collectifs de la Renaissance à l'âge classique*
- 1977 *Le Christianisme va-t-il mourir ?* (com esta obra, Delumeau recebeu o *Grand Prix catholique de littérature*).
- 1978 *La Peur en Occident (XIVe-XVIIIe siècles)*
- 1979 *Histoire vécue du peuple chrétien*, 2 vol
- 1983 *Le Péché et la peur : La culpabilisation en Occident (XIIIe-XVIIIe siècles)*
- 1987 *Les Malheurs des temps. Histoire des fléaux et des calamités en France* (ouvrage collectif)
- 1989 *Rassurer et protéger. Le sentiment de sécurité dans l'Occident d'autrefois*
- 1990 *L'aveu et le Pardon*
- 1992 *Une histoire du Paradis. I, Le Jardin des délices*
- 1992 *Le Fait religieux* (ouvrage collectif)
- 1995 *Une histoire du Paradis. II, Mille ans de bonheur*

- 1997 *Les religions et les hommes*
- 2000 *Une histoire du Paradis. III Que reste-t-il du Paradis ?*
- 2003 *Guetter l'aurore. Un christianisme pour demain*
- 2004 *Jésus et sa passion (co-autor Gérard Billon)*
- 2008 *Le mystère Campanella*

Referências Bibliográficas

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DELUMEAU, Jean. *As razões de minha fé*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GLUCKSMAN, André. *La troisième mort de Dieu*. Paris: Nil Editions, 2000.

DELUMEAU, Jean. *De Religiões e de Homens*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos XIII-XVIII)*, 2 volumes. Bauru: Edusc, 2003.

DELUMEAU, Jean. “Mel Gibson est-il l'héritier de la tradition doloriste?”. In. “La Croix”. França, editado em 31 de março de 2004.

DELUMEAU, Jean. Entrevista - Caderno Idéias. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, editado em 19 de junho de 2004.

DELUMEAU, Jean e BILLON, Gérard de. *Jésus et sa passion (ce qui s' est vraiment passé)*. Paris: Editeur Desclée de Brouwer, 2004.

DELUMEAU, Jean; COMTE-SPONVILLE, André; FARGE, Arlete. *A mais bela história da felicidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DELUMEAU, Jean. *A espera da aurora: um cristianismo para o amanhã*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GLUCKSMAN, André. *O discurso do ódio*. São Paulo: Difel, 2007.

DELUMEAU, Jean. *Le mystère Campanella*. Paris: Éditions Fayard, 2008.